



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES

PAU - PEREIRO

O ABCERRADO E A MATOMÁTICA DO BICHO SERRADOR

FLÁVIO PAULO PEREIRA

Brasília – DF
2004

FLÁVIO PAULO PEREIRA

PAU - PEREIRO

O ABCERRADO E A MATOMÁTICA DO BICHO SERRADOR

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Plásticas, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes de Brasília.

Orientadora: Professora Ana Lúcia Felix de Souza Keller.

Brasília
2004

Ao meu irmão Frederico Paulo Pereira (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A meus pais.

A todos meus alunos.

A meus mestres de capoeira, especialmente Paulo dos Santos, Alcides, Sabú, Marão, Umói, Ulisses, Falcão, Ismar, Zulu e Gilvan.

Ao contramestre Monge, e aos professores do CISP: Cajú-Manso, Pardal, Batata e Zêma.

Agradeço sempre a professora Margarida Antunes (*in memoriam*).

A meus colegas professores: Socorro, Hádba, Vanilsa, Neusa, Lurdes, Rosemir, Aurelice, Itelita, Petúnia, Celso, Wilson e Márcio.

A Jêsse Maia, Carlos Elias, Oswaldo Sá, Tião Cândido, Gil Baiano, Ebenezer, Lula e Keka.

A Dázio, Dona Pastora, Dona Rosária, Madrinha Luiza, Seu Rosa, João Steck, Seu Henrique, Seu Eugênio, Seu Lica, Ozis.

Ao David Ernesto e Marcelo Ruiz e demais colegas do IdA – UnB.

A todos os meus professores do Instituto de Artes – Departamento de Artes Visuais e da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em especial a minha orientadora Ana Lúcia.

Ipê

Flávio Paulo Pereira

Mais belo que o ipê

Nunca vi

E nem vou ver

Mais belo que o ipê

Nem eu

E nem você

Mais belo que o ipê

Não vai ter

E ponho fé

Mais belo que o ipê

Só mesmo

O ipê de pé

Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra.
A marca de sangue dos seus mortos e a certeza de luta de seus vivos.

François Silvestre

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2. JUSTIFICATIVA.....	
3. HISTÓRICO.....	
4. CERRADO.....	
5. CAPOEIRA.....	
6. LINGUAGEM.....	
7. PROJETOS.....	
7.1. PAU-PEREIRO.....	
7.1.1. ABCERRADO.....	
7.1.2. BICHO SERRADOR.....	
8. METODOLOGIA.....	
9. MÚSICAS: PLANTAS E BICHOS.....	
10. CONCLUSÃO.....	
11. BIBLIOGRAFIA.....	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve e documenta uma proposta pedagógica e metodológica que elaborei e venho desenvolvendo há quatro anos. Este trabalho apresenta um projeto piloto que se ramifica, se desdobra, em outros projetos educacionais.

Todos esses projetos têm como base a realidade imediata, o contexto sociocultural e o meio ambiente do aluno. Têm como eixo central a arte e seus elementos de linguagem. São, a saber: a) PAU-PEREIRO, projeto piloto; b) ABCERRADO E MATOMÁTICA; c) BICHO SERRADOR.

No decorrer do texto é apresentado, em primeiro lugar, um panorama geral dos referidos projetos: do que se tratam, porque surgiram, onde são aplicados. Depois são abordados: uma revisão histórica, bibliográfica e de métodos de pesquisa.

Há também um esclarecimento a respeito de dois elementos fundamentais aos métodos propostos, que são o Cerrado¹ e a Capoeira. O Cerrado é o contexto ambiental e cultural que envolve os projetos. A Capoeira é a fonte de onde são extraídos os elementos de linguagem artística pontuais no desencadeamento das atividades para a realização do conteúdo educacional.

Partindo da orientação filosófica e pedagógica da proposta de Paulo Freire para uma “educação libertadora”, uma “pedagogia da autonomia”, apresenta-se uma reflexão sobre a questão da linguagem popular. Em seguida, há uma apresentação de cada um dos projetos por separado.

Posteriormente serão enfocados os objetivos e a metodologia com um exemplo de uma dinâmica de aula. Segue-se então uma lista das músicas usadas no ABCERRADO e MATOMÁTICA, compostas durante o processo de trabalho com as crianças. Finalmente temos a conclusão que pontua dois exemplos de casos que respaldam, para mim, a determinação e dedicação com que me entrego ao trabalho como educador.

¹ Cerrado **s. m.** Mata composta de pequenas árvores tortuosas, próximas umas das outras, entre as quais vegetam gramíneas apropriadas ao pasto de gado./ Lugar ramalhudo, espesso, de uma floresta. Cerradão **s. m.** Na região do Centro-Oeste, vegetação de transição entre mata e o campo cerrado. (É constituído de árvores baixas, que não ultrapassam 15cm de altura, e grande número de arbustos, lianas e gramíneas. Apresenta espécies comuns à mata [paineira, aroeira, jacarandá e óleo vermelho] e outras típicas do Cerrado [pau-terra, pau-santo, pequi]. As árvores não são ramificadas desde baixo, nem retorcidas como no campo do Cerrado. O Cerradão é mais baixo e menos denso que a mata. *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Vol. 4, pág. 1517. Ed. Delta S.A.: Rio de Janeiro (1972).

2. JUSTIFICATIVA

Os projetos que aqui apresento foram desenvolvidos e são aplicados nas seguintes escolas: a) Centro de Ensino Fundamental Pipiripau II; b) Centro de Ensino Fundamental Taquara; c) Centro de Ensino Fundamental Mestre D'Armas². Estes “centros de ensino” são escolas pertencentes e mantidas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, que por sua vez encontra-se subordinada ao Ministério de Educação. Essas escolas atendem alunos do ensino fundamental e pré-escola. As duas primeiras escolas mencionadas encontram-se na zona rural, enquanto a terceira está localizada na zona urbana.

Esses projetos centram-se na linguagem artística e numa abordagem interdisciplinar, levam em consideração o contexto sociocultural e o meio ambiente natural do aluno. A matéria oferecida pelo sistema ecológico local – fauna e flora – são instrumentos essenciais utilizados em todas as fases de realização do processo de aprendizagem. E a capoeira norteia as atividades desenvolvidas, direcionando a dinâmica das aulas.

Este projeto educacional é o **PAU-PEREIRO**. Na verdade o **PAU-PEREIRO** funciona, hoje em dia, como um projeto piloto do qual derivam outros projetos específicos, que são, a saber: o ABCERRADO (que se subdivide em ABCERRADO dos bichos e ABCERRADO das plantas), o MATOMÁTICA e o BICHO SERRADOR. Todavia todos esses outros programas se embasam na filosofia e estratégia do primeiro projeto, o **PAU-PEREIRO**.

Esses projetos foram sendo desenvolvidos ao longo de minha vida profissional, tanto como capoeirista, na comunidade, como professor, já em instituição oficial do Brasil.

Desta forma, em consonância com os parâmetros curriculares da Secretaria de Educação e do Ministério de Educação, os referidos projetos buscam contemplar a formação de um cidadão crítico, que tenha oportunidade de se desenvolver plenamente em seus aspectos biossociais dentro de uma dinâmica interdisciplinar.

² Os três Centros de ensino estão localizados em Planaltina-DF. Os dois primeiros, Pipiripau e Taquara, pertencem ao núcleo rural de Planaltina-DF. O terceiro, Mestre D'Armas, está situado no Vale do Amanhecer, cidade que é uma sub-administração de Planaltina-DF.

A situação da educação artística, que por infeliz tradição, é de ser pouco valorizada nas escolas, se agrava ainda mais no caso das primeiras séries primárias e pré-escola. No entanto, é justamente no pré-escolar, nas primeiras e segundas séries, que temos estabelecido institucionalmente um desenvolvimento de conteúdo interdisciplinar e transdisciplinar. E, nesse enfoque, os projetos aqui descritos têm como base os elementos da linguagem artística, utilizando-se do instrumental próprio da arte em desenhos, pinturas, esculturas, músicas, vídeos e dramatizações.

Os projetos nasceram primeiro na prática, na experiência, devagar, à medida que foram “dando certo”. Uma das fontes de pesquisa foi e é a origem cultural, a dinâmica doméstica dentro da família do aluno. Por exemplo, os alunos levam pra casa um exemplar, uma parte de uma planta do Cerrado e, no outro dia, trazem de casa histórias sobre a origem dos nomes populares das plantas, receitas de uso medicinal e culinário, etc.

“Um dos obstáculos à nossa prática está aí. Vamos às áreas populares com os nossos esquemas “teóricos” montados e não nos preocupamos com o que sabem já as pessoas, os indivíduos que lá estão e como sabem. Não nos interessa saber o que os homens e mulheres populares conhecem do mundo, como o conhecem e como nele se reconhecem, não nos interessa entender sua linguagem em torno do mundo. Não nos interessa saber se já sabem derrubar o pau. Interessa-nos, pelo contrario, que conheçam o que conhecemos e da forma como conhecemos. E quando assim nos comportamos, prática ou teoricamente, somos autoritários, elitistas, reacionários, não importa que digamos de nós mesmos que somos avançados e pensamos dialeticamente.” (FREIRE, 2001, p. 58)

Quando se propõe uma prática metodológica que não é comum ou usual é normal haver uma resistência, tanto por parte da comunidade de docentes e funcionários da escola, quanto por parte da comunidade dos pais e alunos. Porém, se através dessa prática se constatar um resultado positivo de aprendizagem e de atitude dos alunos, que passam a estar mais engajados nos programas da escola, com maior interesse, mais felizes e motivados, então o sucesso da experiência creditará as novas alternativas para metodologias já obsoletas e ineficazes. Pois, mesmo o bom senso é suficiente para saber que as crianças têm direito, antes de tudo, de viver experiências prazerosas nas instituições de ensino.

Aliado à prática empírica do professor, é primordial e imprescindível que este educador tenha uma formação teórico-científica sólida e constante:

“Às vezes, a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares a elas submetidas uma espécie de cansaço existencial que, por sua vez, está associado ou se alonga no que venho chamando de “anestesia histórica”, em que se perde a ideia do amanhã como projeto. O amanhã vira o hoje repetindo-se, o hoje violento e perverso de sempre. O hoje de ontem, dos bisavós, dos avós, dos pais, dos filhos e dos filhos destes que virão depois. Daí a necessidade de uma séria e rigorosa “leitura de mundo”, que não prescinde, que pelo contrário, exige uma séria e rigorosa leitura de textos. Daí a necessidade de competência científica que não existe por ela e para ela, mas a serviço de algo ou de alguém, portanto contra algo e contra alguém.” (FREIRE, 2001, p. 50)

3. HISTÓRICO

A Capoeira talvez tenha sido o fator mais determinante em minha formação profissional e certamente foi o eixo diretor na criação dos projetos que aqui apresento.

Iniciei minha formação em capoeira em 1983 com o Mestre Paulo dos Santos no Centro de Desenvolvimento Social – CDS, em Planaltina-DF. Em 1989 passei para a “corda amarela”, passando a ser professor de capoeira. Assim sendo, comecei a ensinar no grupo de Capoeira e Integração Social de Planaltina - CISP³.

Em 1990 dava início ao projeto **PAU-PEREIRO** na zona rural de Planaltina – Taquara e Pípiripau. Recebi a “corda roxa”, de contramestre de capoeira, em 1992. Em 1996 ingressei como professor na Secretaria de Educação do DF, então, à época Fundação Educacional do DF, permanecendo no Centro de Ensino Fundamental Pípiripau II. Por esta ocasião formulei e enviei à Secretaria de Educação do DF um projeto educacional para trabalhar com a capoeira nas escolas públicas. O projeto foi aprovado e passei a trabalhar com todas as turmas de pré-escola à oitava série.

Ainda naquele mesmo ano, 1996, os alunos começaram a fazer apresentações em circuitos pedagógicos, encontros de professores, faculdades, encontro de artistas, etc. essas apresentações propiciaram e propiciam até hoje uma experiência muito positiva de revalorização da cultura daquela população rural, de comunidades economicamente carentes, elevando a autoestima das crianças e refletindo diretamente em seu desempenho escolar e interesse nas atividades de aprendizagem e sociais.

Em 1999, com a mudança política no Distrito Federal o projeto **PAU-PEREIRO** foi suspenso, então, passei a trabalhar com regência de classe para apenas uma turma de pré-escola, ainda em Planaltina na zona rural. Estávamos cercados por um campo verde onde resistiam uns pequenos trechos de cerrado. Mesmo como professor de alfabetização, sempre levava o berimbau para a sala de aula para poder tocar e cantar com as crianças. Assim também comecei a usar a capoeira como recurso metodológico que contempla a

³ O CISP – Capoeira e Integração Social de Planaltina foi fundado em março de 1979.

linguagem corporal, rítmica e musical. Inventei algumas músicas que falavam do cerrado, uma vez que esse fazia parte da vida das crianças.

Como educador sempre estive insatisfeito com o material didático disponível para os alunos. Os temas e as imagens utilizadas para alfabetizar os alunos pouco ou nada tinham a ver com sua realidade cotidiana. Como alternativa, comecei, junto com os alunos, a buscar substitutos para as referências encontradas nas “cartilhas” tradicionais, pesquisando o que o cerrado continha e pudesse oferecer.

As crianças já sabiam “ler” o cerrado, sabiam identificar grande quantidade de plantas e animais, apontar suas principais características. Nesse processo os pais também foram envolvidos. Ao longo de 1999 fomos catalogando e pesquisando várias plantas típicas do cerrado, acumulando vinte e seis plantas diferentes como o articum, o barbatimão, a caliandra, dentre outras. A estrutura inicial da metodologia de alfabetização estava configurada, ia surgindo então o projeto ABCERRADO.

Posteriormente, durante o seu processo de implementação, o ABCERRADO vai bifurcando-se em duas vertentes: o ABCERRADO das plantas e o ABCERRADO dos bichos. E como os nomes já apontam, o primeiro constitui-se de uma seleção de plantas do cerrado, e o segundo refere-se aos animais característicos, que habitam o cerrado.

Porém, não foi somente a necessidade de encontrar palavras-chave, com letras e sons específicos, tendo como objetivo alfabetizar as crianças, o que motivou o ABCERRADO, como mencionei anteriormente, a capoeira é parte fundamental de minha formação. Considero a capoeira uma forma de linguagem artística que reúne a plasticidade dos movimentos corporais entrelaçados com sons e ritmos.

Além disso, de uma maneira geral, a arte e, no caso, a arte educação é desprezada nas escolas. Não raro nos deparamos com preconceitos e com uma prática bastante incoerente com a proposta filosófica e pedagógica que norteia a educação contemporânea.

Portanto, no decorrer do processo de pesquisa e criação, que desencadeou no ABCERRADO, a arte passou para o centro da abordagem pedagógica e didática. E tal aconteceu muito naturalmente a partir tanto das atividades que

eu, como professor, propunha, quanto também a partir da iniciativa das crianças e até dos pais.

Histórias e mitos que as crianças e/ou os pais traziam de casa, surgiam e junto ao berimbau formavam música, dança, representação, conteúdos que se interligavam aos elementos da natureza do cerrado. Tudo adquiria sentido e se encaixava. Tudo conquistava cores, formas, texturas, sons, movimentos, números, letras, sílabas, palavras, frases, etc.

Desta feita, a proposta metodológica que motivou o ABCERRADO tomou corpo na vivência dos alunos, pais e professor, num jogo interativo com o cerrado e a cultura local. Ganhou autonomia e dinâmica própria, abrangendo inúmeras possibilidades interdisciplinares, estando sempre aberto a ser completado, complementado, atualizado. Inclusive, a partir de 1999 os projetos começam a aparecer nos meios de comunicação⁴.

A partir de 2000, intensificamos o processo de uma criteriosa catalogação e pesquisa dos animais do cerrado. Desde então, paralelamente ao ABCERRADO (plantas e bichos), vimos desenvolvendo outro projeto em Arte Educação que é o BICHO SERRADOR.

Em 2003 participei com os alunos da primeira série da escola Centro de Ensino Fundamental Pipiripau, do concurso Tom do Pantanal, da Fundação Roberto Marinho. Com sucesso no concurso, em nível nacional, o trabalho voltou à mídia. 2003 foi um ano em que houve severo desmatamento na região do Pipiripau⁵.

Senti a necessidade de levar o projeto para a zona urbana. Comecei então a trabalhar, desde fevereiro deste ano de 2004 na escola Centro de Ensino Fundamental Mestre D'Armas no Vale do Amanhecer, que está localizado próximo a Planaltina. Esta nova etapa tem, também, constituindo-se um grande desafio.

⁴ Correio Braziliense: 15/08/1999; Brasília Rural, TV Brasília, canal 6: 15/09/1999; TV Educativa, Canal E: 29/01/1999; Correio Braziliense: 2001; Prêmio da EAP - 1º lugar como melhor projeto de educação infantil: 16/10/2002; Prêmio da Fundação Roberto Marinho – Tom do Pantanal: 2003; Rede Record: 31/03/2004 e 14/04/2004; CBN: 07/04/2004.

⁵ Região que fica a nordeste do Distrito Federal, na divisa com o Estado de Goiás, onde fica a nascente do rio Pipiripau que deu nome a esse núcleo rural. Entre as rodovias federais: BR020 e BR345. *Pipiripau* do tupi-guarani que quer dizer rio raso com pedras. (Ver mapas do DF e EMATER)

Esse trabalho na zona urbana enfatiza a questão social e a problemática da dinâmica urbana. Vários temas que compusemos e estudamos com os alunos fazem referência a características cada vez mais presentes na cotidianidade urbana, como na parlenda: “- Barbatimão, casca vermelha, cure as feridas da minha aldeia.” “As feridas da minha aldeia”, no caso, são metáforas para os problemas como: o desemprego, a precária condição da habitação, da educação e da saúde das populações mais pobres, o crescimento da violência entre os jovens e da violência urbana.

Sabemos que é muito delicado abordar determinados temas sociais. Porém, é dever de todo educador, não só alfabetizar e transmitir informações, mas educar com o objetivo de propiciar o pleno desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo da criança. Permitir a chance de uma educação contextualizada e crítica, que vise formar cidadãos.

Que as crianças, principalmente as crianças de camadas mais pobres e marginalizadas da sociedade, possam, reverter essa situação de excluídos do mundo dos cidadãos, e que, quando adolescentes, não repitam o mote dos valores de consumo atual como: “- Só quero um trampo⁶ para ganhar meus reais, comprar a calça e ir naquela festa... para o resto, num tô nem aí!”

Quando trabalhava na roça (zona rural), muito se via dos temas do ABCERRADO, principalmente através das plantas. Para abordarmos os animais, tinha, muitas vezes, que lançar mão de recursos visuais como gravuras, fotos desenhos, vídeos, descrição oral, etc. as crianças realizavam seus projetos artísticos a partir de observações do que vem ao vivo ou de reproduções de fotos e gravuras.

Tenho enfrentado muito preconceito dentro do meio profissional, onde colegas de trabalho e pedagogos questionam a eficácia de um método de alfabetização e de ensino de artes elaborado a partir de elementos que compõem o meio rural. Por exemplo, alegam que seja impossível para as crianças da cidade serem alfabetizadas através dos nomes das plantas e animais do cerrado, pois esses animais e plantas quase não são vistos na cidade e pouco pode ser visto no zoológico.

⁶ Gíria usada entre jovens.

Penso não ser necessário desfilarmos aqui os inúmeros argumentos que atestam o descabimento de tal questionamento. Entretanto, vale lembrar que até hoje se têm cartilhas em várias regiões do país onde as crianças aprendem a letra **D** associada, por exemplo, ao Dinossauro, e da mesma forma, a letra **Z** à Zebra e assim sucessivamente. E então fica a pergunta: quantas dessas crianças tiveram a oportunidade de ver e tocar uma zebra, ou mesmo um dinossauro?

Nesse longo processo da minha pesquisa, vários foram e ainda são os métodos abordados e utilizados. Além da prática informal e empírica da exploração e experimentação da natureza do cerrado, somos como material de extrema importância, a convivência e as conversas que tive e tenho com moradores locais, pescadores, caboclos, agricultores, alunos, ex-alunos e finalmente com meus pais que são raizeiros⁷.

Além desses, consultei técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA e do Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado – CPAC de Planaltina⁸, um biólogo⁹ e um fotógrafo¹⁰.

Dos populares recolhi várias lendas, histórias, “causos”¹¹, receitas e fórmulas. Claro está, que, desde que a referida pesquisa tornou-se um projeto profissional, debruicei-me na leitura de bibliografia científica, tanto sobre o cerrado como ecossistema, como quanto sua perspectiva antropológica e sociológica, além do estudo de material didático e pedagógico aliado à especialização na questão da arte-educação.

⁷ Raizeiro na linguagem popular é a pessoa que se dedica à coletar raízes, cascas, frutos e folhas de plantas empregadas em receitas domésticas de remédios; tradição popular passada de geração a geração. Paulino Paulo Pereira, meu pai, nascido em Minas Gerais em 1930, profissão agricultor, carreiro (condutor de carro-de-boi), pedreiro, jardineiro e raizeiro. Ema Euzébio Pereira, minha mãe, nasceu em 1934, profissão: agricultora, lavadeira, dona de casa e raizeira.

⁸ José Ferreira Paixão e Zoroastro Albuquerque Nunes.

⁹ Ricardo Góes.

¹⁰ Marcelo Camará.

¹¹ Histórias, lendas e contos do folclore, passado por tradição oral de geração a geração.

4. CERRADO

“O cerrado é a vegetação natural que cobre (cobria) os estados do centro do Brasil: Goiás, Minas Gerais, norte de São Paulo, grande parte de Mato Grosso do Sul, Tocantins, parte do Piauí e da Bahia. Equivale a mais de 20% do território brasileiro. Na verdade, o cerrado faz transição com a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Floresta de Araucária, o Pantanal e a Caatinga. É a segunda maior biodiversidade do planeta, após a Mata Atlântica e superando, nesse sentido, a Floresta Amazônica.” (ALMEIDA e SANO, 1998)

“É triste e doloroso constatar as consequências maléficas do uso abusivo, ou predatório, que nossa civilização vem fazendo dos recursos naturais do planeta. No nosso caso, de Brasil, temos que durante o processo de colonização portuguesa, e até os dias de hoje, destruiu-se 95% da Mata Atlântica. Todavia, esse período compreende 500 anos. Agora ironicamente, mesmo sofrendo as consequências de tal efeito, temos conseguido em 44 anos destruir 80% do Cerrado”. (ALMEIDA e SANO, 1998)

Considerando o presente caso do rio Pipiripau, pode-se constatar que nesses quatorze anos de trabalho nessa região, esse rio, já está mais raso, está mais abaixo de seu nível. Daí se tem a dimensão da seriedade do problema. Sem mencionar que a devastação do cerrado, de uma maneira sistemática, tem se agravado “a olhos vistos” nestes últimos dez anos.

Na cotidianidade da vida no meio rural os “efeitos colaterais” desse tipo de exploração sem controle e sem sustentabilidade são sentidos imediata e instantaneamente, tanto pelos homens que aí vivem, trabalham e desse meio tiram seu sustento, como por todo o ciclo ecológico que envolve a fauna e a flora local, afetando também no clima, na estrutura do solo, etc.

O projeto **PAU-PEREIRO**, nesse sentido, visa conscientizar os alunos para o fato de que as plantas que formam o cerrado e que eles conhecem, precisam dos animais que aí habitam para que ambos continuem a se reproduzir e a existir. Assim também, a saúde das fontes minerais, as nascentes, riachos e rios, bem como a composição e o equilíbrio do solo, devem ser respeitados e protegidos, pois disso depende a própria sobrevivência humana e sua qualidade de vida.

Desde que me mudei para essa região do DF/GO¹², é que costumava caminhar e a explorar o cerrado com meu pai, meu irmão e amigos de infância. Recolhíamos frutos e alguma lenha para abastecer nossas casas. Essa etapa de minha vida me marcou fortemente e fez com que eu aprendesse a respeitar a natureza e a amar o cerrado. A vida animal e as plantas me fascinavam e despertavam minha curiosidade de investigador. Tinha sede de saber cada vez mais sobre esse ecossistema.

Dessa maneira minha pesquisa teve início ainda em tenra idade, na informalidade da vida cotidiana e no intercâmbio com esse meio, do qual, literalmente, vivia e dependia. Na inocência de criança já pesquisava e estudava o cerrado, sem saber a seriedade do que fazia e as consequências futuras que esse “jogo” viria a ter em minha vida e talvez na vida de muitos de minha comunidade.

Hoje em dia, consciente e intencionalmente, busco uma análise científica dos elementos do cerrado, comprometida com a prática da educação e da arte-educação. Pois, no cerrado, não sou um observador distante, ou um visitante. O cerrado é o contexto onde faço sentido. Faço parte dele. O cerrado é o lugar do meu espaço-tempo: nele, eu sou.

¹² Em 1969 viemos do Paraná, onde nasci, para Planaltina-DF.

5. CAPOEIRA

*“Duelo de bailarinos
Dança de gladiadores”*
Dias Gomes

Não se sabe exatamente quando chegaram os primeiros negros ao Brasil. Essa questão é importante para responder “onde nasceu a capoeira?”. “Tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil (...)” (REGO, 1968, p. 31). No seu início, a capoeira era praticada nas ruas, no mato, sempre em locais abertos.

Hoje, nas rodas de capoeira compõem-se de uma bateria que consiste em tocadores de um a três berimbaus, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco. Dentro da roda agacham-se dois capoeiras ao pé dos instrumentos esperando a primeira música. A ladainha dá a senha para o início do jogo. A ladainha é a música que antecede o jogo de capoeira. Depois dela vem o canto corrido. Com o canto corrido é que os dois capoeiras começam a jogar. A ladainha é cantada por um solista e o canto corrido é cantado pelo coral em estrofes mais curtas e repetidas.

“Há uma certa dificuldade em se classificar o que é capoeira. Em geral, no exterior é designada como “arte-marcial brasileira”. Entretanto, segundo se sabe, a capoeira, no passado, era uma forma de se treinar uma luta que preparasse o negro para se defender dos ataques em sua fuga. Composto-se de uma série de “passos” e ritmos distintos, a capoeira passou a ser, para quem a observava de fora, um ritual de dança.” (REGO, 1968)

A partir daí foi cada vez mais fazendo parte da cultura popular brasileira. Hoje, a capoeira é “jogada” por pessoas pertencentes a grupos étnicos, idades e classes sociais diversas.

A Capoeira é, de certa forma, um exercício democrático, onde os participantes têm a oportunidade de estar em todos os papéis dessa luta-dança. Na prática social e educativa, a Capoeira é mais uma dança do que luta, é a representação de uma luta. E o participante pode estar ora tocando algum

instrumento e puxando o canto, ora pode estar jogando, ou ora pode estar na roda: assistindo, cantando e batendo palmas.

Mesmo respeitando um código geral, cada participante tem a chance de criar seu jogo de forma individualizada, ou seja, com suas características próprias de ginga, movimentos pessoais e improvisados. Como a capoeira é um forte elemento na cultura popular, ela serve também como um pretexto atraente para conquistar os alunos e, a partir daí, permitir o desencadeamento de um processo de socialização e educação.

A capoeira é um rito onde o elemento sonoro-musical, rítmico, a expressão corporal e a comunicação entre os participantes se integram num jogo dramático. Tendo tido uma vida na capoeira e usando-a como instrumento fundamental de trabalho, posso afirmar que a capoeira converge várias linguagens da arte. E é nesse sentido que, conscientemente, e buscando sempre um embasamento teórico-científico através de minha prática como professor alfabetizador, foco na capoeira como método para, a partir da arte, cumprir meu papel de educador no sentido mais amplo que esse termo possa abarcar.

Berimbau

O berimbau, ou urucungo é um instrumento de percussão de origem africana. Consiste num arco de madeira retesado por um fio de arame, tendo no centro ou numa das extremidades meia cabaça presa a ambos e que serve como caixa de ressonância. A abertura da cabaça é aplicada sobre o peito ou barriga do tocador. Este vibra a corda com os dedos ou com uma varinha qualquer, aproximando ou afastando a cabaça do corpo para modificar o som¹³.

Estando numa turma de primeira série, Centro de Ensino Pipiripau II, em 1996, levei meu berimbau para a sala de aula. Num primeiro momento os alunos tiveram uma reação de estranhamento. Perguntados a respeito de seu uso e finalidade, tudo disseram, menos que se tratava de um instrumento musical e tampouco o reconheceram pelo nome: berimbau.

¹³ URUCUNGU. In: ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1972, p. 6885-6886. Vol. 15

Com as explicações sobre o berimbau, como era confeccionado e qual o seu uso, como era tocado, em que circunstâncias e finalmente respondendo à pergunta das crianças: - Pau-Pereira, como é que você fez esse berimbau?, foi aí que organizei alguns versos e compusemos a música:

Berimbau*¹⁴

Eu fui no cerrado, tirei “gai” de pau
Pereira enverguei e fiz meu berimbau

Com pau-pereira eu fiz
Eu fiz o meu arco musical

Achei lá na roça cabaça da boa
Que nasceu à toa no canavial

Eu fui lá no brejo “casquei” buriti
Fiz um caxixi e toquei mais leal

Na ponta tem prego e couro de sola
Eu quero é solar o meu berimbau

O dobrão é uma pedra
E a baqueta eu cortei lá no taquaral

O arame é de roda, de roda de carro
Mas não é de roda de carro de boi.

¹⁴ Todas as músicas que têm um asterisco (*) sobre seu título são de autoria de Flávio Paulo Pereira – Pau-Pereira.

Atabaque

O atabaque tem origem no Oriente. É uma espécie de tambor afunilado, com um ou dois tampos, tocados com as mãos¹⁵.

Comecei a fabricar atabaque com pontas de ripas e tocos secos que coletava do cerrado. Por essa ocasião, um aluno – discípulo – de capoeira, Rafael Queiroz, então com seis anos de idade, costumava me acompanhar. Na adolescência, Rafael, aprendeu a confeccionar tambor de ripas, e tendo nisso se especializado, hoje, o Raqueiro (Rafael Queiroz), é professor de capoeira e um ótimo fabricante desse instrumento.

¹⁵ ATABAQUE. In: ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1972, p. 574

6. LINGUAGEM

A linguagem é questão fundamental, definidora do lugar do indivíduo e da dinâmica entre classes sociais. O que prevalece é o “discurso” (BAKHTIN, 1995) das classes dominantes. No entanto, não só é projeto de manutenção do *status quo* querer admitir somente os paradigmas da linguagem dominante, da forma culta como válidos, mas tal atitude, por parte do educador, é contraditória a seu principal objetivo: o de promover ao aluno, especialmente ao aluno de classes economicamente desfavorecidas, a cidadania.

Respeitando a linguagem dos alunos, sua pronúncia e sintaxe regional, busco sempre orientar uma pesquisa sobre a origem etimológica das palavras. Isto para entender a trajetória linguística dos termos, dos nomes populares. Compreender a sequência de apropriações tomadas por distintos grupos étnicos, regionais e populares, suas transformações ao longo da história e validá-los, ao invés de invalidá-los como linguagem.

“A questão da linguagem, no fundo, uma questão de classe, é igualmente outro ponto em que pode emperrar a prática educativa progressista. Um educador progressista que não seja sensível à linguagem popular, que não busque intimidade com o uso de metáforas, das parábolas no meio popular, não pode comunicar-se com os educandos, perde a eficiência, é incompetente.

Quando me refiro aqui à sintaxe, à estrutura de pensamento popular, à necessidade que tem o educador progressista de familiarizar-se com ela, não estou sugerindo que ele renuncie à sua, como também à sua prosódia para identificar-se com o popular. Seria falsa essa postura, populista e não progressista. Não se trata de que o educador passe a dizer “a gente chegamos”. Trata-se do respeito e da compreensão da e por uma linguagem diferente. Não se trata tão pouco de não ensinar o chamado “padrão culto” mas de, ao ensiná-lo, deixar claro que as classes populares, ao apreende-lo, devem ter nele um instrumento a mais para melhor lutar contra a dominação.” (FREIRE, 2001, p. 55)

“Além do mais, conhecer a origem de sua linguagem é entender os porquês das características culturais. Os portugueses, quando iniciaram a colonização do Brasil, além de trazerem o *castellano* (que era a linguagem dos nobres e cortesões), trouxeram, principalmente o vernáculo (o português), que por sua vez já continha elementos árabe e outras línguas africanas. Aqui estando, tiveram de lidar com a língua dos nativos e mais tarde com as línguas dos negros trazidos para a escravidão.” (PONTES, 1978, p. 43)

Desta feita, deu-se uma fusão, ainda que não de maneira igualitária, dos elementos de linguagem, linguísticos e culturais, que informam, hoje, o português falado no Brasil e também ao brasileiro com características genéricas que define esse tipo que somos. (FREYRE, 1998)

7. PROJETOS

7.1. PAU – PEREIRO

A roda de capoeira é um ato e um rito, onde há uma organização de códigos e costumes que passam a ser respeitados e naturalmente seguidos para que o jogo se cumpra. Assim, de forma alternada cada membro participante tem sua função e deve agir de acordo com esta. É uma oportunidade de exercício, análogo ao exercício de cidadania, onde cada um tem seus direitos e deveres para com o grupo durante o jogo.

“Desenvolver procedimentos significa apropriar-se de “ferramentas” da cultura humana necessária para viver. No que se refere à educação infantil, saber manipular corretamente os objetivos de uso cotidiano que existem à sua volta, por exemplo, é um procedimento fundamental, que responde às necessidades imediatas para inserção no universo mais próximo. É o caso de vestir-se ou amarrar os sapatos, que constituem-se em ações procedimentais importantes no processo de conquista da independência. Dispôr-se a perguntar é uma atitude fundamental para processo de aprendizagem. Da mesma forma, para que as crianças possam exercer a cooperação, a solidariedade e o respeito, por exemplo, é necessário que aprendam alguns procedimentos importantes relacionados às formas de colaborar com o grupo, de ajudar a pedir ajuda etc. Deve-se ter em conta que a aprendizagem de procedimentos será, muitas vezes, trabalhada de forma articulada com conteúdos conceituais e atitudinais.”(MEC/SEF, 1998)

Especialmente no contexto em que atuo a capoeira possibilita o instrumental do jogo da arte e da ética. A capoeira constitui-se em minha prática como educador em uma ferramenta metodológica, usada para a alfabetização, o desenvolvimento psicomotor e a integração social dos alunos. Buscando, dessa forma, resgatar e valorizar suas potencialidades pessoais e culturais e, como consequência, aumentando sua autoestima, permitindo-os crer em si mesmos. Dentro da roda de capoeira todos têm chances iguais de participar do jogo.

Durante o decorrer do projeto **PAU – PEREIRO** de 2000 a 2002, com crianças da pré-escola ao ensino médio, do Centro de Ensino Fundamental Taquara, pesquisamos vários bichos do cerrado e para cada um dos bichos estudados, compus músicas. Essas músicas, muitas vezes se desdobram em “parlendas”

– versos cantados em melodias simples – e “trava-línguas”. Assim sendo, na roda de capoeira, tacávamos e cantávamos nossas músicas dos bichos, enquanto o jogo se fazia.

7.1.1 ABCERRADO

O “ABC do Cerrado” foi projetado visando à alfabetização de crianças a partir de elementos de sua realidade física e cultural. As crianças se sentem bem e se sentem valorizadas ao saber que o que têm é especial e conta. Que seu saber “singelo” é significativo.

Inicialmente, o ABCERRADO pode parecer tratar-se apenas de mais uma cartilha tradicional, somente substituindo elementos comumente usados por elementos originais, ou alternativos, na identificação de letras, vogas, sons e fonemas. No entanto, à parte de ser mesmo uma sequência de letras ordenadas do alfabeto, que corresponde a nomes de plantas e animais do Cerrado, cada um desses nomes – plantas ou animais – funcionam como motivação para o fonema correspondente à letra do alfabeto, quanto como tema para que a partir dele se ramifique a “teia” de consequências e contextos desses animais e plantas. E na rede dessa teia, e em suas dobras, se incorporem os diversos campos do saber, as diversas disciplinas, fazendo o ABCERRADO, efetivamente cumprir sua interdisciplinaridade.

Então, trabalhando com os referenciais já conhecidos pelas crianças, que fazem parte de sua cotidianidade, de modo lúdico, apelando para seu envolvimento sensorial e cognitivo, permite-se que essas crianças apreendam a realidade a sua volta e seus objetos.

“Mas, a intervenção do educador não se dá no ar. Se dá na relação que estabelece com os educandos no contexto maior, em que os educandos vivem sua cotidianidade, na qual se cria um conhecimento de pura experiência feito. A atividade docente da escola que visa a superação do saber de pura experiência feito, não pode, porém, como disse antes, recusar a importância da cotidianidade”. (FREIRE, 2001 p. 52)

“Que alfabetização tem que ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que ver com a formação da cidadania, tem. É preciso porém, sabermos, primeiro, que ela não é a alavanca de uma tal formação – ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania –

segundo, é necessário que a tomemos e a façamos como um ato político, jamais como um que fazer neutro.” (FREIRE, 2001, p. 58)

No ABCERRADO BICHOS além de toda a gama de formas, cores, texturas, sons, ou seja, de elementos que pertencem ao domínio da linguagem artística, busquei introduzir características como hábitos de vida desses animais, fazendo uma analogia com os nossos próprios costumes e características, chamando atenção para sua importância na cadeia ecológicas do cerrado e conseqüentemente para a necessidade de preservação desse ambiente.

Paralelamente ao ABCERRADO, surge a MATOMÁTICA, ou seja, a Matemática do Mato. Na MATOMÁTICA relacionamos a quantidade de folíolos das folhas das árvores a seu número correspondente.

ABCERRADO DAS PLANTAS Português	MATOMÁTICA Matemática	ABCERRADO DOS BICHOS Português
Articum	1	Anú
Babatimão	12 + ou -	Borboleta 80
Caliandra	50 + ou -	Codorna
Douradona	1	Dormião
Embaúba	10 + ou -	Ema
Flechinha	1	Fogo-pagou
Goiabinha	1	Gralha
Hibisco	1	Homem
Ipê	5	Irara
Jatobá	2	Jaratataca
Kumã	50 + ou -	****
Lobeira	1	Lobo-guará
Mangaba	1	Mambira
Navalha	1	Noivinha
Orquídea	1	Onça
Piqui	3	Pira

Quaresmeira	1	Quero-quero
Raiz-de-perdiz	1	Rã
Sucupira	16 + ou -	Serrador
Taquara	1	Tiú
Unha-de-vaca	2	Urutau
Velame	1	Vaga-lume
Waltheria	1	****
Xodó	70 + ou -	Xexéu
Ybiraúna	20 + ou -	****
Zeiera	5	Zabelê

7.1.2 BICHO SERRADOR

Após anos, e, 2000 tive a oportunidade de reencontrar vários alunos, já adolescentes ou adultos. Estavam difundindo, como instrutores de capoeira, um trabalho de educação engajado em suas comunidades, como cidadãos responsáveis e saudáveis. Com alguns desses ex-alunos retomamos um ou outro antigo projeto, que nessa oportunidade pôde se concretizar. BICHO SERRADOR é o nome do projeto que na verdade une os dois projetos anteriormente descritos, o PAU – PEREIRO e o ABCERRADO.

Com o Bicho Serrador, saímos em excursão pelo cerrado, recolhendo tocos de madeira já cortados e galhos já desprendidos das árvores que muitas vezes restavam da queima do cerrado, ou da derrubada de árvores. Com esse material construíamos nossos instrumentos musicais para a capoeira, esculturas, ou mesmo móveis.

Objetivos

“As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circundam, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio de brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e

seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais naquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação .” (MEC/SEF, 1998)

Os projetos que venho desenvolvendo tem como um dos seus principais objetivos o resgate da identidade cultural dos alunos. Objetiva propiciar que essas crianças se conscientizem da importância que tem sua tradição cultural e de que, sua atuação como cidadãos, dentro da sociedade em que vivem, pode ser definidora do seu destino. Desta maneira, é objetivo, produzir espíritos curiosos, inventivos, críticos, e corpos prontos para a ação.

8. METODOLOGIA

O projeto ABCERRADO está centrado – parte e também converge – na linguagem artística. É um projeto para séries iniciais de alfabetização, que enfatiza a arte-educação, e que sem a arte se faz impossível. Aborda o universo de formas e conteúdos da natureza pela estética. Sensorial é o canal primeiro para a descoberta. Posteriormente, a analogia entre imagens, o uso da imaginação e da criatividade somam-se para a realização do método e do processo de apreensão dos conteúdos e para o desenvolvimento das habilidades e competências.

O método proposto engloba vários campos do conhecimento, partindo das coisas mais “simples” e cotidianas do ambiente da criança, para abrir-se num leque interdisciplinar. As informações colhidas sobre os nomes dos elementos da natureza permitem uma sequência crescente de associações de conhecimento e de áreas disciplinares. Esse método pedagógico foca na relação do corpo com o espaço circundante. No processo de pesquisa e aprendizado as ferramentas utilizadas derivam dessa relação – corpo-espaço – e posteriormente desenvolvem-se em dramatizações, danças, músicas, desenhos, pinturas, esculturas, etc.

Da riqueza de elementos do cerrado vivo a biodiversidade é construída na experiência artística do corpo: dentro do coração e mente da criança. Primeiro, a ênfase é dada ao que o aluno já conhece dos elementos do cerrado através de questões do professor, e também dos outros colegas, cada aluno tem a chance de falar sobre o que sabe.

É motivado a experimentar com seus cinco sentidos, discernindo as peculiaridades de cada um dos elementos observados. Tem sua curiosidade aguçada, é chamado a olhar para verdadeiramente ver. A exploração e pesquisa que se dão utilizando, ao máximo, a capacidade sensorial da criança. Ver, ouvir, cheirar, tocar, e experimentar com o paladar, sempre que possível.

A partir daí busca-se analisar as características de cada elemento, animal, planta, pedra, solo, água, fazendo comparações e relacionando-os entre si, em suas características e funções. Assim sendo, trabalhamos formas, cores, texturas, sons, odores e gostos.

Estudamos o contexto e função de cada animal e/ou planta observado. Abordamos os nomes desses animais, ou plantas, buscando, através de um estudo etimológico, encontrar a origem de seu significado. Aprendemos a conhecer as influências da cultura indígena e negra em nossa herança linguística. Por exemplo, muitos dos nomes dados às plantas, animais, rios e regiões do cerrado estão em Tupi-Guarani. Posteriormente entramos na questão da importância medicinal, culinária, de matéria prima, enfim, ecológica e social desses elementos.

Desta forma vai se dando a “alfabetização”, onde as letras, fonemas e sílabas passam a existir concretamente no coração e na mente das crianças, formando um vínculo afetivo e cognitivo com elas. Criamos músicas e as cantamos. Dos pigmentos da terra e plantas produzimos tintas coloridas, e das sementes, troncos e galhos, fabricamos instrumentos. A um custo quase zero, produzimos desenhos, esculturas e poesias. Com as histórias descobertas ou inventadas criamos danças, dramatizações e jogos.

Particularmente o ABCERRADO BICHOS, enfatiza temas sociais, abordando a problemática do preconceito cultural, étnico, etc. A questão da violência, da habitação, da abordagem predatória do sistema capitalista. Como exemplo para o tema do preconceito temos o estudo do “Anu”.

Exemplo de uma estratégia metodológica: primeiramente saímos em excursão com a turma a uma área do cerrado. Observamos e discutimos sobre algumas plantas e animais apontados. Assim, por exemplo, ao aproximarmos de um “pé” de unha-de-vaca os alunos que logo o identificam, exclamaram:

“-É pata-de-vaca!

-Não! É unha-de-vaca!

Depois outro: -Não! É pé-de-boi!”

Eu solicitei então que ficássemos, por enquanto, com o nome indicado pelo som de “U”.

“-Unha-de-vaca!” Gritaram todos.

A partir daí começaram a observar as características de toda a parte visível da planta. Após muita discussão chegaram a um acordo sobre, por exemplo, como era a folha de unha-de-vaca:

“-É duas! Disse um aluno.

-É verde! Disseram outros.

-Parece uma borboleta! Falou mais um.”

Aí já tínhamos uma letra: “U”. Um número: 2. Uma forma: unha de vaca. Uma cor: verde. Continuei com as perguntas:

“-O que mais vemos na parte mais alta da árvore?

-Um botão!

-Um fruto!”

Todos, ao final, concordam que se tratava de um “botão” de flor.

“-Como está esse botão?

-Fechado! Disse um.

-Para cima! (queria dizer na vertical) contestou outro.”

“-E esse outro botão?

-Esse já abriu a flor. Disse uma aluninha.

-É... e tá deitado! (queria dizer na horizontal)

-E quais cores vocês veem nessa flor?

-Vermelho e branco!

-E essa outra?

-Já virou “bage”, tio! (o aluno se referia ao fruto da unha-de-vaca que é uma vagem: leguminosa)

-Que parte da planta é essa?

-A fruta!”

(...)

O projeto, portanto está naturalmente integrado à questão ecológica. Procura resgatar o conhecimento que a população já tem sobre o cerrado. Daí, então buscar, através da pesquisa a conscientização sobre a função da natureza em nossas vidas. Tentar apontar métodos alternativos para a exploração e preservação desse ecossistema.

Através da arte e artesanato as crianças aprendem a se relacionar e usar do cerrado sem destruir. Por exemplo: com a casca do talo do buriti¹⁶ nós fazemos esculturas, cestas, chocalhos, etc. Com o miolo deste – polpa – fazemos

¹⁶ BURITI, s.n. palmeira da subfamília das lepidocaríneas (*Mauritia vinifera*). Suas folhas em leque fornecem fibra para a confecção de redes, coberturas de tetos, cordas etc. Enquanto os pecíolos, longos dão ripas para construção de cercas. Da polpa do fruto também chamada saeta, prepara-se saboroso doce e refresco. Serve, ainda, os frutos para alimentação de animais. Seu óleo é finíssimo e rico em caroteno. Vive em pequenos grupos (buritizais), especialmente nos terrenos pantanosos; é muito exigente de água, cuja presença, mesmo no alto de serras, é revelada pela existência da planta. In: ENCICLOPEDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1972, p. 11444, vol. 3.

esculturas e brinquedos. Os alunos aprendem a retirar somente o talo lateral, de forma a não matá-lo, preservá-lo, para que possa ser reutilizado.

Métodos Silábico e Fonético

As turmas, não são em nada homogêneas quanto à idade, nível de escolaridade e desempenho escolar. Desta maneira, utilizo, tanto o método silábico, quanto o método fonético para a alfabetização, dependendo das características individuais de cada criança, seu ritmo de aprendizagem e sua receptividade a um ou outro método.

Exemplo:

- a) Silábico: LO-BO, XO-DÓ, JÁ-TO-BÁ, SU-CU-PI-RA, VE-LA-ME, MA-NA-CÁ, MU-RI-CI, FO-GO, PI-RA, ZA-BE-LÊ;
- b) Fonético: J-A-T-O-B-Á, L-O-B-E-I-R-A, M-A-R-G-A-R-I-D-A.

Para desenvolver o método silábico inventei a brincadeira: “o galinho”. Trata-se de uma planta, erva do cerrado cuja flor lembra a crista de um galo. Começamos então a ler do quadro-negro as sílabas “CU CU RU CU”, com as crianças. Ao sinal do professor as crianças repetem os fonemas, todos juntos, seguindo o que está escrito no quadro-negro. Depois mudamos as vogais e consoantes e assim, por exemplo, lemos: “TO TO RO TO, LI LI RI LI, NO NO RO NO”.

Com este projeto visou por em prática os chavões atuais da ecologia: “Uso sem abuso”, “Desenvolvimento sustentável”, através da conscientização, primeiro da população rural e também, posteriormente, a urbana. Começando pela criança que mais tarde será o cidadão responsável pelo curso da nossa história.

9. MÚSICAS: PLANTAS E BICHOS

ANÚ*

Anú-branco

Anú-preto (côro)

Cada um na sua

Cada um do seu jeito

Anú-branco

Anú-preto (côro)

Não jogue pedra

Que dói no meu peito

Anú-branco

Anú-preto (côro)

Na natureza

Não tem preconceito.

O Anú é uma ave do cerrado. Encontramos o Anú-branco e o Anú-preto. Com essa música e temática do Anú trabalhamos a partir da pesquisa de características e comportamentos da ave o respeito às diferenças étnicas e outras, além de alfabetizarmos usando a letra A e seu fonema. Criamos músicas, desenhamos o Anú, dramatizamos sobre histórias e lendas da ave. Com a música trabalhamos rima, poesia, ritmo, etc.

CAPOEIRA NÃO TEM COR*

Brincam 5

Brincam 4

Brincam 3

Brincam 2

Brinca 1

Brinca 0

Capoeira não tem cor

Brinca o negro e o branquelo

Capoeira é furta cor

Brinca o verde e o amarelo

O gorducho e o magrelo

O dentuço e o banguelo

Brinca o novo e brinca o velho

Brinca o mudo e o tagarelo

Só não brinca quem tá morto

Mesmo assim faz-se a rodinha

Na porta do cemitério.

Essa música surgiu em 2002/2004, inspirada na expressão “capoeira não tem cor”, que é uma das marcas do CISP – associação de Cultura e Integração Social de Planaltina – DF (nome atual).

Capoeira Não Tem Cor, juntamente com a música do **Anú**, surgiram, ambas, de uma forma bastante espontânea em uma situação de sala de aula onde, como é muito comum, havia casos de alunos que eram segregados; não eram bem aceitos por seus colegas de classe. Esses alunos eram motivo de chacota, piadas, enfim, de discriminação por parte de seus companheiros.

Acreditando na possibilidade de concretização de um projeto de “unidade na diversidade” (FREIRE, 2002, p.31) onde, o cuidado com o aluno deve considerar em primeiro lugar o respeito à singularidade e à individualidade de

cada criança (Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil, Introdução, p. 18) então, ambas as músicas tratam da questão do direito à voz, ao lugar social de todos os alunos, não importando suas diferenças étnicas, de cor, de crenças, ou quaisquer outras diferenças.

BORBOLETA OITENTA E OITO*

Borboleta

Menina bonita

Gosto de você

Mas você não acredita

Vestida de seda

Bonita menina

Se sair no jardim

Cuidado na esquina

Meu Oi Tenta

Outra borboleta

Um azul tão bonito

Quase violeta.

As borboletas “Oitenta-e-oito” e “Oitenta” são duas espécies de borboletas do cerrado. Os números 80 e 88 correspondem aos desenhos formados nas asas anteriores das borboletas. Com as borboletas “Oitenta-e-oito” e “Oitenta” e através da música que compusemos para elas trabalhamos a letra B, seu fonema, os números 88 e 80, além de trabalhamos também a rima, as rimas, as cores: vermelho, preto, branco, azul, bem como a estética e utilidade de vestimentas, abordando a questão da violência urbana.

SAMBAÍBA*

Sambaíba bá

Sambaíba bá

Sambaíba bá

Catuaba bá

Catuaba bá

Catuaba bá

Jurubeba bá

Jurubeba bá

Jurubeba bá

Copaíba bá

Copaíba bá

Copaíba bá

Andiroba bá

Andiroba bá

Andiroba bá

Embaúba bá

Embaúba bá

Embaúba bá

Sambaíba bá

Sambaíba bá

Sambaíba bá

ARATICUM*

Araticum

Fruta-do-céu

Sinto seu cheiro

Gosto do mel.

QUERO-QUERO*

Passarim bota no chão

Não me vem com lero-lero

Você voa muito alto

Passarinho... te quero, quero

Passarim vê lá do alto

Que o Cerrado tá banguelo

Já não tem onde pousar

Passarinho... te quero, quero

Homem que tirou o Cerrado

Não me vem com lero-lero

Você ganhou muito dinheiro

E o passarinho... zero, zero

E o passarinho? ...

E o passarinho? ...

BEM-TE-VI

(Cabú – Antônio Carlos da Silva)

Bem-te-vi, bem-te-vi

Quando fui no Cerrado

Tava comendo pequi

Bem-te-vi, bem-te-vi
Quando eu ia ao Cerrado
la caçar murici

Bem-te-vi, bem-te-vi
Acabaram com o Cerrado
E você fugiu daqui.

CODORNA*

Tem uma coisa
Que não me conforma

Quem foi que arrancou
O rabinho da codorna?

Se o homem arranca
Depois não retorna
Te cuida bicho
O Cerrado vai embora

Depois não vai ter
Água fria nem morna

Quem foi que arrancou
O rabinho da codorna?

O rabinho da codorna
Foi Deus do céu
Que fez dessa forma

O homem arranca
A fauna e a flora

Quem foi que arrancou
O rabinho da codorna?

Esse tema reflete sobre a ação predatória do homem que está destruindo sua “casa”: o planeta. Aponta para os problemas da agricultura predatória, da extração irregular de madeiras, da ocupação irregular de reservas florestais e áreas de reservas silvestres, enfim do comprometimento da vida das espécies vegetais e animais e dos recursos hídricos e minerais.

CALIANDRA*

A flor do cerrado
É a caliandra

Quem dera nascesse
Na minha varanda

A caliandra é a flor símbolo do cerrado. E como planta típica dessa região tem raízes profundas, e uma vez exterminada, é de difícil replantio.

DORMIÃO*

Dorme João-bobo
Acorda dormião
Beber água doce
Comer escorpião

Dorme João-bobo
Acorda dormião
Fura-barreira
Bico-de-latão

Dorme João-bobo
Acorda dormião
Rapazinho-dos-velhos
Pedreiro do sertão.

As músicas de capoeira podem ter vários temas: os próprios capoeiras, o dia a dia, costumes do povo, lendas, fatos históricos. Por exemplo, temos músicas que falam de mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado) e de mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), ambos mestres reverenciados por sua importância e contribuição ao desenvolvimento e sobrevivência da capoeira.

Então, existem músicas “clássicas” na capoeira, são muito populares, todo capoeirista conhece. Percebi que os alunos, principalmente os mais novos, aprendem rápido essas músicas e que gostam muito delas, memorizando-as com facilidade. E, por exemplo, uma das músicas mais conhecidas da capoeira é a que se segue:

Zum, zum, zum
Capoeira mata um
Zum, zum, zum
Capoeira mata um.

Como trabalho em prol de uma atitude pacifista, seria incoerente de minha parte, e mesmo inconsequente, especialmente considerando os problemas atuais do contexto em que atuo, que eu negligenciasse a eficácia da “mensagem” veiculada pela música e não fizesse algo a respeito de mudar essa leitura.

Quando trabalhamos com um material concreto que faz parte do cotidiano do aluno, então percebemos como é rápida a associação que o aluno faz com armas, o L e o F, são letras favoritas para serem transformadas em armas.

Então, para os alunos já do ensino médio, estudamos as circunstâncias históricas em que surge essa música: onde e quando a capoeira era um instrumento de luta e sobrevivência para os negros. Entretanto, para os alunos

do ensino fundamental, fiz uma readaptação do tema original criando a cantiga “Tempero”.

Comecei a imaginá-la em 1996, baseado em versos de domínio público. O objetivo principal era a troca do verbo matar pelo brincar. A música ficou pronta em 2001. Além de ser uma contagem progressiva – matemática – trabalhamos a coordenação motora. Primeiro, contamos e cantamos as partes do corpo, realizando uma pequena dramatização. Depois, cantamos e batemos palmas ao ritmo da música original.

TEMPERO*

Como feijão com arroz
Na capoeira brincam dois
Brincam dois e brincam três
Brincam quatro, cinco, seis
No Projeto Pau-Pereira
Brincam muitos de uma vez

Brincam sete, brincam oito
Brincam nove e brincam dez
Pode brincar com as mãos
Pode brincar com os pés

Pode brincar com a cabeça
Pode brincar com os pés

Brincam dez e brincam vinte
Brincam trinta e quarenta
No feijão com arroz
Põe um pingo de pimenta.

10. CONCLUSÃO

O projeto PAU – PEREIRO, tomado como a designação total que abarca o ABCERRADO (plantas e bichos) mais a MATOMÁTICA e o BICHO SERRADOR, originou-se e desenvolveu-se graças à riqueza de minha experiência cultural e de intercâmbio intenso com o meio onde vivi, vivo e trabalho, somado à produção intelectual e científica no campo da filosofia da educação e da pedagogia, especialmente na bibliografia de Paulo Freire. Desta feita, este trabalho não aporta grande novidade quanto à base teórica da pedagogia e dos parâmetros metodológicos da educação moderna.

Entretanto, penso ser ele, uma ferramenta didático-pedagógica, não só útil, como imprescindível, no contexto da educação brasileira atual. Não é um projeto fechado, ao contrário, é para ser adaptado e sempre desenvolvido considerando especialidades de diferenças regionais.

O que penso ser mais belo e original nesse projeto, é a proposta do mergulho na forma lúdica. É a motivação à alegria e ao jogo. É a pesquisa, que dá crédito ao que o aluno é, e de antemão, conhece: credita sua cultura e os parâmetros de sua linguagem. Usa da abordagem estética para aguçar a curiosidade científica e a partir daí tecer uma teia que entrelaça as diferentes disciplinas do conhecimento com a cotidianidade da vida do aluno.

O fato é que posso constatar, na rotina do trabalho, que sem gastar um recurso material e físico que não temos, e, sem fórmulas complicadas, estamos conseguindo desenvolver com as crianças todo o conteúdo proposto nas várias áreas disciplinares.

Contudo, muito há para ser feito. Uma das iniciativas é produzir um material didático em CDs; um livro contendo a história do desenvolvimento do projeto; uma “cartilha” para alfabetização, num formato interdisciplinar; a criação de personagens, confeccionados em marionetes.

“O problema da sintaxe nos remete ao da estrutura do pensamento, à sua organização. Pensamento, concretude, apreensão do concreto, abstração, conhecimento. (...) Na sintaxe ou na organização popular do pensamento se descreve o objeto e não o seu conceito” (FREIRE, 2001, p. 55)

Estilingue

Em 1999, o Wesley, um aluno do pré-escolar – seis anos de idade – trouxe uma forquilha de madeira. Eu perguntei a ele o que era aquilo que trazia consigo. Ele disse que originalmente aquilo era um estilingue, mas que ele havia pedido a seu pai que retirasse a borracha elástica da forquilha da madeira, porque ele necessitava ter somente a forquilha para levar para a escola. Então eu perguntei a ele o porquê, ao que ele respondeu: “ – Meu nome termina com isso!”

“Na verdade, o que devemos buscar é a unidade dialética, contraditória, entre teoria e prática, jamais sua dicotomia.” (FREIRE, 2001, p. 55)

Gemeu

Quando eu era criança, havia um lugar, na mata, no cerrado, onde costumávamos, meu irmão e eu, ir colher frutas e brincar. Sempre que conseguíamos que os frutos caíssem das árvores, imediatamente nos jogávamos sobre o chão para, cada um por sua vez, agarrar primeiro a maior quantidade possível de frutas. Assim, brincando, disputávamos quem conseguia primeiro pegar mais frutas enquanto gritávamos um para o outro:

- Esse já é meu!
- Não! Já é meu!
- Já é meu!
- Já é meu!
- J'é meu!
- J'é meu!
- Jémeu!
- Jémeu!
- Jemeu!
- Gemeu!
- Gemeu!

Surgiu, então, a brincadeira “Gemeu”. Anos depois, eu, já adulto, andava por aquele lugar na mata, onde hoje já não há mais árvores e plantas de antes, mas é um campo, com algum mato e lixo. Então, de repente, percebi que havia crianças por ali, e comecei a seguir os sons de suas vozes.

Vejo que estão no meio do lixo, bem ali, onde, meu irmão e eu, costumávamos brincar de “gemeu”. Quando me aproximo mais e olho as crianças vejo que estavam cheirando cola. O cenário que presenciara uma brincadeira alegre de dois irmãos disputando frutas, hoje via duas crianças brigando para ver quem primeiro cheirava a cola, enquanto gritavam um para o outro:

- Essa é a minha vez!

- Não! É minha vez!

- Minha vez!

- Minha vez!

...e enquanto eu observava tal cena, meu coração “gemia” de dor.

Que essas histórias, belas e trágicas, sejam o fecho desta monografia, atestando a urgência em se concretizar uma prática educativa que resgate valores estéticos, morais e éticos, através de recursos e potencialidades que abundam na natureza do mundo, na natureza humana. E para isso, que se registre a necessidade da arte tomar seu lugar no currículo escolar, em pé de igualdade com as outras disciplinas. É imprescindível que se eduque para a permanência da vida íntegra e digna para todos.

“Daí a necessidade da intervenção competente e democrática do educador nas situações dramáticas em que os grupos populares, demitidos da vida, estão como se tivessem perdido o seu endereço no mundo. Explorados e oprimidos a tal ponto que até a identidade lhes foi expropriada.” (FREIRE, 2001, p. 50)

Creio, para isto trabalho, e espero, que através desse projeto as crianças possam conhecer seu ambiente natural e cultural, que é único. Que elas aprendam a valorizar sua realidade e a compreender seu papel social resgatando a importância do que têm e são. E que, por meio da arte e do fazer artístico, se desenvolvam em uma dimensão plural e criativa, na realização de

seu potencial afetivo e cognitivo para formarem-se cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, socialmente atuantes e finalmente pessoas felizes.

11. BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, C, GENTIL, P. **Educar na Esperança em Tempos de Desencanto**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

ALMEIDA, S. P. ; SANO, A. M. **Cerrado: Ambiente e Flora**. Planaltina, DF: EMBRAPA – CPAC, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Huicitec. 1995.

BARBOSA, A. M. (org.). **Arte-Educação: Leitura no subsolo**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora. 1999.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 8ª ed. São Paulo: Editora Scipione. 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora. 2001.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 1998.

PONTES, J. **Teatro de Anchieta**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/DAC/FUNARTE/SNT. 1978.

POTT, T. A., POTT, V. J. **Plantas do Pantanal**. Corumbá, MS: EMBRAPA SPI, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal. 1994.

REGO, W. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.